

**GRAFITE:
ANÁLISE DO DISCURSO NO ESPAÇO PÚBLICO**

Paolla Clayr de Arruda Silveira (UENF)
clayr_arruda@hotmail.com

RESUMO

A proposta deste artigo está na abordagem dos sentidos dos enunciados inseridos no grafite urbano, numa perspectiva de acordo com a análise de discurso francesa, onde os processos que constituem a linguagem são histórico-sociais e o discurso é visto como efeito de sentido entre interlocutores. Os grafites demarcam-se como fenômeno social de intervenção e de proposição de uma nova linguagem estética na e para a cidade. Partindo da fotografia de um grafite na cidade de Campos dos Goytacazes, a revisão bibliográfica foi a metodologia adotada aqui, e para fundamentação teórica deste trabalho, Maingueneau (2010) desperta para a análise do texto de comunicação, interpretando o grafite urbano enquanto manifestação, exposta a uma leitura multifacetada que oferece possibilidades de ponto de vista que o privilegie como um exercício discursivo, ao passo das grandes questões relativas ao espaço inserido.

Palavras-chave: Análise do discurso. Grafite. Linguagem.

1. Introdução

A análise do discurso francesa, metodologia a ser empregada neste trabalho, tem como seus precursores Pêcheux, Foucault e Bakhtin – nos estudos da enunciação – e Maingueneau, que percorre e indica os diferentes caminhos do texto e seu contexto, além de teorizar sobre as formas de interpretação, conferindo grande contribuição para a análise do discurso.

Será em Maingueneau o embasamento bibliográfico deste trabalho, principalmente sobre o livro “Doze conceitos em análise do discurso”, onde alguns aspectos desta literatura calçarão a análise do discurso proveniente numa arte em grafite.

A constituição teórica adotada – análise do discurso francesa – considera o contexto histórico-social parte constitutiva do sentido e não apenas um apêndice, que pode ou não ser considerado. Ou seja, no discurso os sentidos são historicamente construídos.

Para a análise do discurso, então, o texto é considerado um objeto linguístico-histórico, e, neste trabalho, buscou-se esforços de análise na enunciação que se inscreve no campo da arte enquanto discurso marcado

por um lugar de dizer da história, da ideologia e afetado, também, pelos aspectos sociais.

No caso da língua, há uma exigência de uma formulação prévia para acessar o sentido. Já no caso da arte, o espaço da interpretação é multidirecional, a consistência do sentido não é dada apenas por uma interpretação legitimada somente. Ou seja, o leitor de uma obra artística pode ser desde o crítico profissional de arte ou até uma criança na mais tenra idade, nem mesmo sendo requerida para isso alfabetização verbal. Mesmo tratando-se de leituras diferentes, o espaço de interpretação é o mesmo, não há interpretação proibida ou ilegítima e mesmo assim o sentido não é qualquer um, pois possui uma materialidade tanto histórica quanto física em seus modos de produção.

Nesse aspecto, Maingueneau percorre a análise do discurso percebido nos textos de comunicação, em seu livro “Análise de textos de comunicação”, e como afirma Sant’Anna (2002), o estudioso retoma algumas ferramentas para desenvolver análises de textos produzidos nas mais diferentes esferas da vida social e com todas as abrangências das tipologias textuais verbais e/ou não verbais. Igualmente, é de grande valia e possibilidade a análise do discurso presente nos grafites urbanos.

Neste trabalho objetiva-se analisar o campo discursivo onde está submerso o grafite nos espaços públicos, a partir de um grafite localizado sobre a Ponte Governador Leonel de Moura Brizola – chamada popularmente de Ponte Rosinha, devido ao histórico da política municipal – no município de Campos dos Goytacazes/RJ, à luz da análise do discurso francesa, mais precisamente sob o olhar de Maingueneau.

2. Contextualização: grafite, linguagem e discurso

Há uma grande diferença entre grafite e pichação. A diferença é – se é que existe definição mais adequada – que o grafite é considerado uma arte de rua, já a pichação não é considerada uma arte, e sim, uma atitude de vandalismo.

Como afirmam Blauth & Possa (2012), o grafite utiliza procedimentos do desenho, da gravura (estêncil) e da pintura, já a pichação está relacionada com a escrita e ao ato de sujar, de agredir um determinado espaço. O ato de pichar, por ser ilegal e subversivo, era, e ainda é, realizado à noite a fim de driblar o policiamento, contrapondo-se com o objetivo dos grafiteiros de rua, que buscam outras potencialidades em relação

às imagens que produzem, almejando seu reconhecimento como arte urbana, desmistificando seu caráter marginal.

Assim, considerando grafite como arte, e considerando que toda a arte é passível de análise por conter em si diversos discursos, este trabalho se apropria de conceitos da análise do discurso e o faz, justificando-se.

Segundo Maingueneau (1997, p. 34), o discurso vai além da função sintática das palavras. Para o autor, o discurso “não é delimitado à maneira de um terreno, nem é desmontado como uma máquina. Constitui-se em signo *de* alguma coisa, *para* alguém, em um *contexto* de signos e de experiências”.

A partir dos estudos acerca da enunciação propostos por Maingueneau, e de outros conceitos inerentes ao suporte teórico selecionado, é perfeitamente possível observar como o discurso funciona e como são mobilizados os recursos linguísticos e extralinguísticos, para que assim, os sentidos sejam produzidos e captados eficientemente pelo enunciador e receptor, respectivamente.

De acordo com a análise do discurso, os indivíduos fazem uso da fala com a finalidade de se apresentarem socialmente, com isso, o discurso se mostra como uma ação do sujeito sobre o coletivo.

A leitura de um enunciado requer um repertório de significados construídos sócio historicamente e culturalmente. Para o entendimento do enunciado é preciso que o enunciador demonstre singelos detalhes de comunicação para que o receptor da informação acene para qualquer entendimento, positiva ou negativamente, e não há como ignorar o fato do reconhecimento de quem é esse receptor, seus conhecimentos, sua personalidade, seu anseio social.

Brandão (2002, p. 49) defende a ideia de que o sujeito é essencialmente histórico pelo fato de que:

Sua fala é produzida a partir de um determinado lugar e de um determinado tempo (...). É um recorte de representações de um tempo histórico e social. Dessa forma, como ser projetado num espaço e num tempo e orientado socialmente, o sujeito situa seu discurso em relação aos discursos do outro. Outro que envolve não só o seu destinatário para quem planeja, ajusta a sua fala, mas também envolve outros discursos historicamente já constituídos e que emergem na sua fala.

Nesse contexto, para entendimento do discurso a ser analisado é necessária a explicação sobre aspectos de localização, quais são os leitores habituais, entre outros fatores extralinguísticos.

A metodologia a ser empregada para a Análise do Discurso será vinculada a alguns dos tópicos trabalhados por Maingueneau em “Doze conceitos em análise do discurso”, amparado em alguns de seus outros trabalhos, sobre os seguintes conceitos:

- Enunciado
- Campo discursivo
- Gênero e hipergênero
- Polifonia
- Cenários de enunciação

O produto final será em forma de esquema, parafraseando Charaudeau (2008), buscando uma visualização compacta desta análise, reconhecendo que toda e qualquer análise vinculada a algum discurso/enunciado não pode ser diagramada em tabela, se considerarmos o seu todo.

3. *Um grafite e a análise do seu discurso*

A linguagem é o discurso em ação, em uso. A linguagem ocorre onde estão os signos, as significações do mundo e, no discurso, a apropriação de alguns signos para dizer algo ao interlocutor. O gênero do grafite é objetivamente intencional, seu discurso é dito claramente, por vezes, irônico, suave, indiscreto, e mesmo assim, ou por ser assim, permite diversas interpretações.

Segundo Orlandi (2004), nas zonas urbanas, os sujeitos se deparam com uma imensurável quantidade de indivíduos distintos, situação que provoca clima de insegurança, instabilidade e crises em suas identidades, por diferenças e não aceitação de modelos de identidades homogêneas propostos para a sociedade. Nesse contexto, pichadores e grafiteiros campistas procuram, por meio das suas inscrições, a atenção dos sujeitos-leitores para conhecer e refletir sobre essa situação.

O grafite a ser analisado, como dito anteriormente, está localizado em Campos dos Goytacazes, município ao norte do estado do Rio de Ja-

neiro, cidade de médio porte com cerca de meio milhão de habitantes, e maior município em extensão territorial do estado.

Está desenhado num dos pilares de sustentação de uma ponte na área central da cidade. Em termos de área central da cidade, diante do conhecimento da maioria das cidades brasileiras, é muito frequentada por transeuntes durante dia e noite, inclusive com alto índice de trânsito de automóveis.

Durante o dia até o início da noite, próximo ao grafite, funcionam algumas lanchonetes, tipo quiosques, frequentadas por pessoas que trabalham nas proximidades ou transitam por ali; além de uma quadra esportiva frequentada por grupos que praticam basquete e *skatistas*. Durante a noite, após às 22 horas, as lanchonetes fecham e um grupo de mendigos se reúne para pernoitar no local, onde alguns consomem bebida alcoólicas.

Adiante segue a imagem do grafite, que se trata de uma pintura da metade da face de Cristo e metade da face de um leão. Abaixo, em verde, tem a inscrição “JESUS”; e mais abaixo, a frase “*Como cordeiro Ele veio, mas como leão Ele voltará!*”. A assinatura de autoria está em nome de “Brado Jovem”.



Fig. 1 – Grafite sob a Ponte Rosinha.

Para análise desse grafite em específico, que contém uma imagem e um texto, podemos esquematizar a frase como o seguinte:

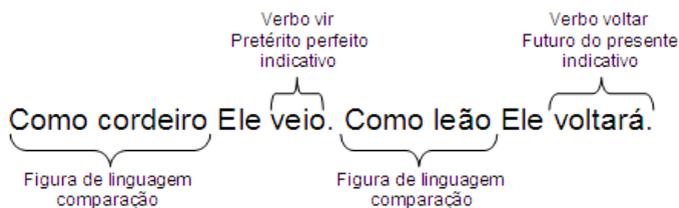


Fig. 2 – Esquema de análise formal da oração. Fonte: Autoria própria. (2015)

Sob olhar dos estudos da língua portuguesa, dentro da veia padronizada da língua, percebe-se que o sujeito da oração (Ele) trata da mesma pessoa, mas as figuras de linguagem de comparação deixam claro que o sujeito possui duas formas de comportamento, e diante da conjugação verbal, seu comportamento no passado será diverso a como se mostrará no futuro.

As expressões “como cordeiro” e “como leão” são modos de comportamento do sujeito “ele”. Em termos de comportamento animal, o cordeiro é considerado manso, na hora do pastoreio deve ser guiado pelo pastor, é capaz de pastar o dia todo. O leão é considerado bravo, valente, defensor do seu grupo, animal feroz, e seu rugido é um som de longo alcance. Se antes se tratava de um “ele” calmo, depois será um “ele” feroz.

Como o discurso do grafite está exatamente na união da imagem representada e na sua frase, e na imagem há a representação de uma face “meio Cristo, meio leão”. O desenho de Cristo permite uma interpretação de que o texto pode ter cunho religioso, pela presença de Jesus Cristo retratada de coroa e sangrando. Entretanto, inferir que o grafite tenha vertente religiosa não permite afirmar que há uma interpretação da oração conforme a proposta de seu locutor.

Qual seria a ligação entre a oração e a imagem? A frase refere-se a um leão e um cordeiro. Na imagem há um leão, sim, mas não há cordeiro representado. Aqui, o cordeiro é representado na forma de Cristo.

No Cristianismo, as imagens do cordeiro e do leão estão presentes na Bíblia Sagrada no Velho Testamento – que retrata a personalidade do Pai, período profético anterior à primeira vinda de Jesus – e no Novo Testamento – que inicia na primeira vinda de Cristo, por ordenação do

Pai, até o livro de Apocalipse, sobre a nova aliança com a humanidade, no intuito de abranger todos os povos e o retorno de Cristo.

Sobre o Cordeiro, no livro de João 1:29, Velho Testamento, está escrito “Eis o cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo”, e no livro de Apocalipse 7:17 está escrito “Porque o Cordeiro que está no meio do trono os apascentará, e lhes servirá de guia para as fontes vivas das águas; e Deus limpará de seus olhos toda a lágrima”.

Sobre o Leão, o livro de Gênesis 49:9, no Velho Testamento, diz “Judá é um leãozinho, da presa subiste, filho meu; encurva-se, e deita-se como um leão, e como um leão velho; quem o despertará?”, e em Apocalipse 5:5, diz “Não chores; eis aqui o Leão da tribo de Judá, a raiz de Davi, que venceu, para abrir o livro e desatar os seus sete selos”.

Mesmo com a breve explicação da crença cristã, não há certeza de que o leitor/receptor entenderá o discurso contido tenha na interpretação desejada pelo enunciador.

Sabendo que ambos os termos são referências no percorrer do discurso bíblico, o enunciado requer ainda mais do observador, requer um conhecimento maior acerca das Escrituras e do sentido das suas palavras. Alguns questionamentos surgem como: em que momento bíblico o Cordeiro tira o pecado do mundo? E por que Cristo é o Cordeiro na imagem? Não bastaria representar a face de Jesus? Qual o significado da coroa de espinhos e o sangue? E quem é Judá? Havia um leão na tribo? E por que se trata da raiz de Davi? Se o cordeiro não foi desenhado, por que o leão foi representado?

4. Enunciado

O enunciado, para definição, trata-se da frase dita e, conforme Maingueneau (2004), geralmente o enunciado é portador de um sentido estável, aquele conferido pelo locutor. Esse mesmo sentido seria decifrado por um receptor que reconhece o mesmo código, que possuam a mesma linguagem.

Seguindo essa linhagem de pensamento da atividade linguística, o sentido estaria inscrito no dizer, e sua compreensão dependeria de conhecimentos gramaticais e/ou léxicos, estando o contexto à margem da interpretação para desfazer possíveis ambiguidades. Na reflexão contemporânea, o contexto não se retém no que está ao redor, no entorno, de um

enunciado que teria nele mesmo um sentido já pré-estabelecido, onde o receptor apenas o encontraria.

Como afirma Maingueneau (2004), todo ato de enunciação possui um perfil assimétrico: o indivíduo que interpreta um enunciado reconstrói seu sentido a partir das indicações presentes, o que não significa que esse indivíduo interprete coincidentemente com a representação do enunciador.

Assim, cada indivíduo entende o grafite com um sentido, sem qualquer garantia de alcance à ideia do seu criador/autor, nem garantia de assimilação de sua totalidade, pelo mesmo possuir terminologias do cristianismo, nesse caso, que até mesmo uma parcela de seguidores da crença pode não possuir um conhecimento total.

5. Campo discursivo

Em Maingueneau (2004), pode ser definido como um espaço de interação de diversos posicionamentos, que se delimitam numa região do universo discursivo.

O discurso é fabricado no interior de um campo discursivo, que foi etiquetado pela tradição como campo discursivo religioso, político, literário,

O campo discursivo do grafite em análise pode ser caracterizado como religioso, por conter a representação da imagem de Jesus Cristo, entretanto, o mesmo não pode ser percebido apenas pela frase, já que não se trata de um versículo da Bíblia Sagrada, nem por meio do desenho do leão, apesar das interações que podem ser assimiladas na conjugação imagem/texto.

6. Gênero e hipergênero

Maingueneau (1997, p. 34) afirma que “cada gênero presume um contrato específico pelo ritual que define”, pelas condições de comunicação social. De acordo com Maingueneau (2004), os gêneros constituem um fator de economia e garantia da comunicação.

Deste modo, ocorre uma economia de tempo no processo interpretativo, pois já se tem a ciência de um padrão, ao qual uma mensagem se adequa, e assim, garante-se que o interlocutor compreenda o propósito

comunicativo no momento em que identifica o gênero a que a mensagem pertence, como os classificados em jornais, receitas culinárias, sonetos, etc.

Há um diálogo possível entre essa leitura e a noção de hipergênero também conceituada por Maingueneau, onde um gênero une diferentes características comuns e engloba uma diversidade de gêneros afins, sendo rotulado de diferentes maneiras, e desse modo, utiliza-se a linguagem dos grafites para compor um texto narrativo dentro de um contexto sócio comunicativo.

7. Polifonia

Para Maingueneau, “assiste-se na polifonia proverbial a mistura da voz do locutor com todas as vozes que antes dele proferiram o mesmo adágio” (2010, p. 172). Considerando essa colocação, Maingueneau (2010) desenvolve conceitos que circundam o gênero do provérbio como um discurso relatado e exemplo de polifonia, bem como os seus desvios. Ao retomar as palavras de outros que já disseram um provérbio, de modo impessoal, o locutor/enunciador também não se coloca como autor do mesmo.

Trazendo esse entendimento para o grafite em análise, o discurso contido na frase grafitada possui em si uma polifonia de todas as vozes contidas no texto bíblico que tratam de suas referências e de religiosos seguidores do evangelho cristão que já o disseram. Há uma união dessas vozes repassada aos leitores por um locutor que não é autor das palavras, mas retoma seu sentido naquele local para que atinja novos ouvintes/leitores.

8. Cenas de enunciação

A cena de enunciação, segundo Maingueneau, integra três cenas: a englobante, a genérica e a cenografia. Estas compõem um quadro dinâmico que torna possível a enunciação de um determinado discurso, um dizer possuidor de sentido.

Para Maingueneau, há, nesse diálogo entre cenas, o estabelecimento de uma relação de paradoxo, pois, “desde sua emergência, a fala supõe uma certa cena de enunciação que, de fato, se valida progressivamente por essa mesma enunciação”. (MAINGUENEAU, 2004, p. 77).

Ou seja, ao enunciar, o locutor constrói uma cena e é essa cena criada que possui função de validação de sua própria enunciação.

Patrick Charaudeau (2008, p. 77) traz em um esquema, abaixo reproduzido, o ato de linguagem e seus sujeitos envolvidos no que ele denomina por situação de comunicação, que está baseada nas cenas enunciativas de Maingueneau.

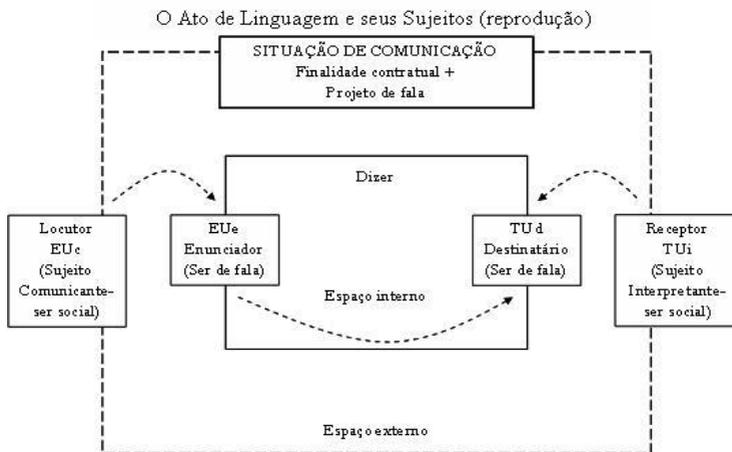


Fig. 3 – Esquema de Situação de Comunicação. Fonte: Charaudeau (2008)

Apropriando da esquematização de Charaudeau, segue adiante a adaptação do esquema ao objeto de estudo neste trabalho:

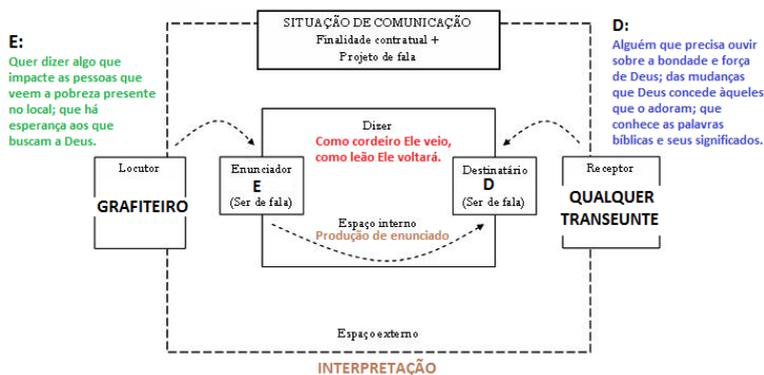


Fig. 4 – Esquema adaptado da situação de comunicação no grafite.

Descrevendo o processo: tal situação possui dois espaços, um interno, onde o enunciado é produzido, considerado imaginário, e outro externo, que levará a uma interpretação, que é o espaço real. Os sujeitos localizados no circuito externo são ativos: o locutor GRAFITEIRO, produtor da fala; e o receptor QUALQUER TRANSEUNTE, sujeito interpretante – que é real e se localiza fora do processo de enunciação daquele que produziu o enunciado (grafiteiro). No circuito interno, os sujeitos são fabricados, onde o destinatário D está sempre presente, seja de forma implícita ou explícita e é um sujeito idealizado pelo enunciador E, visto por este como um destinatário ideal e adequado ao seu ato de enunciação. Entretanto, esse destinatário D idealizado é concretizado no receptor QUALQUER TRANSEUNTE – e nem sempre coincide com aquele idealizado.

No mesmo circuito, se encontra também o sujeito enunciador E: uma imagem do enunciador criada pelo sujeito produtor da fala e subentendida na sua intencionalidade enquanto produtor. Ocorre também que, no momento em que a mensagem é interpretada, no espaço real, é criada também uma imagem acerca do locutor GRAFITEIRO – imagem esta configurada a partir do ato de fala deste último.

Os dois sujeitos imaginados também existem dentro do ato de produção e interpretação, possuindo atribuições linguísticas independentemente dos outros dois protagonistas reais do ato da linguagem – localizados no espaço externo ao ato – com capacidade de proporcionar os desentendimentos, as falhas de comunicação e a ambiguidade na significação dos sentidos.

9. Considerações finais

Diante dos elementos apresentados no presente trabalho, acerca de fundamentações da análise do discurso francesa, mais especificamente baseadas nas literaturas de Maingueneau, aponta-se para a análise do discurso como meio de pesquisar os significados nos discursos além dos textos e frases habituais, apontando para as artes de comunicação, como trata das propagandas comerciais, mas também como ferramenta passível de aplicação em artes da rua, urbanas, como portadoras de dizeres além de si mesmos, como o grafite, de simbologia social, cultural e até mesmo política, com uso intenso de figuras de linguagem que sobrepoem a convencional análise sintático-morfológica das frases, onde o “como dizer” interfere intensamente na interpretação “do dito”.

Admitindo que este artigo é um produto superficial, possuindo assim um caráter de exemplo e didática para iniciantes, é necessário observar que a análise do discurso percorre um caminho além do trivial, do comum, tendo comportamento de relevância dentro dos aspectos constitutivos da linguagem.

Em termos finais, o retorno ao objeto de estudo compõe a conclusão deste, ao verificar que em Apocalipse 17:14, consta: “Estes combaterão contra o Cordeiro, e o Cordeiro os vencerá, porque é o Senhor dos senhores e o Rei dos reis; vencerão os que estão com ele, chamados, e eleitos, e fiéis”.

Nessa passagem bíblica, a dualidade cordeiro *versus* leão se desmonta: o cordeiro vencerá, por sua alma ser de leão, permitindo o entendimento geral do grafite está em que o comportamento adequado para os que pretendem vencer na vida, se realizarem, é ter em si as características de ambos os animais, sabendo usá-las no momento adequado.

Assim, perante as dores o cordeiro deve ser o direcionador, onde devemos manter a calma, a paciência, saber ouvir os conselhos de nosso pastor e deixar ser guiado por quem sabe o caminho, e perante o crescimento da vida, ser como um leão, saber lutar, guerrear pelo espaço, defender a prole e a subsistência serão o foco.

Concluindo, o comportamento manso e de confiança com os demais, porém construído por intenção forte, feroz e fidedigna nos sentimentos mais interiores de cada indivíduo, nos levarão a glória nas batalhas. Tal colocação cabe no local onde se faz presente o grafite, embaixo de uma ponte. Entretanto, é questionável: alcança quem por ali dorme?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1992.

BÍBLIA, Português. *A bíblia sagrada: antigo e novo testamento*. Trad. de João Ferreira de Almeida. Ed. rev. e atual. Brasília: Sociedade Bíblia do Brasil, 1969.

BLAUTH, Lurdi; POSSA, Andrea Christine Kauer. Arte, grafite e o espaço urbano. *Palíndromo*, Florianópolis, n. 8, 2012. Disponível em: <http://ppgav.ceart.udesc.br/revista/edicoes/8/artigo_arte_grafite.pdf>. Acesso em: 16-08-2015.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. 8. ed. Campinas: Unicamp, 2002.

CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e discurso: modos de organização*. Trad.: Ângela M. S. Correa e Ida Lúcia Machado. São Paulo: Contexto, 2008.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Trad.: Luiz Felipe Baeta Neves. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. Trad.: Cecília P. de Souza e Silva e Décio Rocha. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. *Doze conceitos em análise do discurso*. Trad.: Adail Sobral. São Paulo: Parábola, 2010.

_____. *Novas tendências em análise do discurso*. Trad.: Freda Indusky. 3. ed. Campinas: Pontes, 1997.

ORLANDI, Eni. *Cidade dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2004.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad.: Eni P. Orlandi et al. 2. ed. Campinas: Unicamp, 1995.

SANT'ANNA, Vera Lucia de A. Análise de textos de comunicação. Trad. Cecília P. de Souza e Silva e Décio Rocha. [Resenha]. *Revista AN-POLL*. São Paulo, n. 12, p. 313-317 (jan./jun. 2002). Disponível em: <<http://www.anpoll.org.br/revista/index.php/revista/article/download/518/528>>. Acesso em: 16-08-2015.